

**GREGOS E POVOS NATIVOS NA BACIA DO MAR NEGRO ENTRE OS  
SECULOS VIII – III A.C.**  
GREEKS AND NATIVE POPULATIONS AROUND THE BLACK SEA  
(8<sup>TH</sup> - 3<sup>RD</sup> CENTURIES BC)

Madalina Dana

Vol. XV | n°29 | 2018 | ISSN 2316 8412



# Gregos e povos nativos na bacia do Mar Negro entre os séculos VIII – III A.C.

Madalina Dana<sup>1</sup>

*Tradução de Lidyanne Carderaro<sup>2</sup>*

*Revisão técnica de Airton Pollini e Fábio Vergara Cerqueira*

**Resumo:** Os gregos que se instalaram nas margens do Mar Negro nos séculos VII e VI a.C. tiveram desde o início que coabitar e dividir o território com populações locais variadas, tanto nômades como sedentárias. Suas relações, nem sempre pacíficas, não eram necessariamente conflituosas, pelo menos não em todas as épocas: sobre isso, as circunstâncias históricas devem ser levadas em consideração. Seus destinos são escritos em paralelo, a critério das mudanças e dos contatos que caracterizam as regiões ditas coloniais, com especificidades locais tais como uma manifestação artística regional que pode ser chamada de arte greco-cita. Os contatos culturais são na realidade mais variados, indo desde as práticas sociais, como os casamentos mistos, às práticas religiosas e literárias.

**Palavras-chave:** Mar Negro; Transferências; Populações locais; Contatos.

**Abstract:** The Greeks who settled on the shores of the Black Sea during the 8<sup>th</sup>-6<sup>th</sup> centuries BC had, from the start, to share the territory with different native populations, both nomadic and sedentary. Without being always peaceful, their relationships were not thoroughly confrontational, at least not in all periods; in this respect, historical circumstances must be taken into account. Their destiny accomplishes in parallel, according to exchanges and contacts characteristic for the so-called colonial milieu, sometimes with local specificities like a regional artistic manifestation, namely the Greco-Scythian art. The cultural contacts are in fact more diverse, from social practices like mixed marriages to religious and lettered practices.

**Keywords:** Euxine Pontus; Transfers; Native populations; Contacts

## INTRODUÇÃO

A abordagem que nos propomos visa dar uma visão diversificada e complexa do território abrangido pela “colonização” grega ocorrida no Mar Negro na Antiguidade. É conveniente precisar que, apesar da distância de um hipotético “centro” grego egeu, esta região faz parte integrante do espaço mediterrâneo (DANA, 2012), através principalmente dos contatos e das trocas econômicas, políticas e culturais que regiam o “pequeno mundo” das cidades (MALKIN, 2011)<sup>3</sup>. A questão da “periferia”, geográfica e simbólica (FRISONE, LOMBARDO, 2008), não está de todo resolvida, já que a perspectiva antiga é ainda encontrada na percepção dos modernos. Por conseguinte, este espaço é pouco tratado nos estudos

<sup>1</sup> Maître de conférences (professora associada) histoire grecque. Université Paris 1-Panthéon Sorbonne. Centre ANHIMA (UMR 8210), Paris, França.

<sup>2</sup> Doutoranda em Arqueologia Clássica pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), Brasil. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil.

<sup>3</sup> Expressão adaptada do título “Small Greek world” de MALKIN 2011 (N.d.T.). Para as conexões e as redes, ver: MALKIN, 2005; MALKIN, CONSTANTAKOPOULOU, PANAGOPOULOU, 2009.

ocidentais<sup>4</sup>, mas é examinado por uma rica bibliografia de países ribeirinhos do Mar Negro (em russo, ucraniano, búlgaro, romeno e por vezes turco).

Mais que uma apresentação da instalação e da evolução histórica das diásporas gregas, este estudo busca analisar os contatos e as trocas entre os gregos de diferentes origens e as populações locais. De fato, colonos gregos raramente encontravam terras desertas para se instalar. Assim, sua história é escrita não em paralelo, mas simultaneamente com a história dos “outros”.

Pode-se perguntar, em primeiro lugar, que território foi afetado pela colonização, quais são os gregos e como eles chegaram, mas também quem são esses “outros”, com quem eles mantiveram relações mutáveis ao longo sua história. Os colonos gregos se estabeleceram em torno da bacia do Mar Negro com uma presença menos vigorosa na costa oriental, onde são conhecidas apenas duas fundações de Mileto, Fase e Dioscúrias. Esta ausência é explicada pela presença de populações hostis e pela dificuldade de exploração dos recursos, mesmo sendo estes muito atraentes, como evidenciado pelas lendas do ouro da Cólquida, cobiçado entre outros pela expedição dos Argonautas liderados por Jasão<sup>5</sup>. Duas grandes metrópoles se destacam claramente na colonização do Mar Negro: Mileto, ou mais genericamente a Jônia (EHRHARDT, 1988), e Mégara<sup>6</sup>, com uma notória participação beócia. Sua expansão ocorre entre a segunda metade do séc. VII e a metade do séc. VI a.C.; às vezes envolve refundações, colonizações secundárias ou empreendimentos fracassados. A distribuição entre as cidades jônicas, dóricas e cidades de outra origem responde mais a uma tradição que a uma realidade histórica, embora haja indícios de subsistências institucionais e culturais da herança transmitida pela metrópole de cada cidade. As fundações do Mar Negro são cidades completas e elas desenvolvem estratégias específicas de resposta para o meio ambiente e mantêm a sua própria rede.

Quanto aos vizinhos “bárbaros”, eles se caracterizam por uma extrema variedade, em função do território que habitam (DAMYANOV, 2003). Seus nomes, conservados nas fontes literárias, são aproximativos ou são ausentes: se Heródoto é nosso informante privilegiado, suas fontes são os gregos da região. Consequentemente, não se pode ter certeza da maneira como seus nomes eram pronunciados, sem falar das confusões possíveis. Pode-se então citar os citas, siracos, saios, *skiroi*, tissamates, saudarates, tauros e taurocitas (MÜLLER, 2007).

É igualmente um erro qualificar esses povos, dos quais os citas são os mais conhecidos, de “nômades” (MÜLLER, 2009, p.96-97). Os citas chegaram aproximadamente ao mesmo tempo que os gregos:

---

<sup>4</sup> Um interesse esporádico por esta região é evidente a partir da década de 1960, quando Fr. Salviati lhe dedica sua tese de doutorado (thèse d’État). Recentemente essa bibliografia foi enriquecida: TSETSKHLADZE, 1998; BRESSON, IVANTCHIK, FERRARY, 2007; HEINEN, 2006; MÜLLER, 2010; BURGUNDER, 2012.

<sup>5</sup> LORDKIPANIDZE, LEVEQUE, 1996. Sobre o ferro dos mariandinos ou dos cálibes, ver: Apolônio de Rodes *Argonáuticas* II 141, 375-376, 1001-1008. Ver ROBERT, 1980.

<sup>6</sup> HANNEL, 1934; ROBU, 2014.

uma primeira leva é documentada nos séc. VII-VI a.C., seguido por uma segunda nos sécs. V e IV a.C. Deve-se notar que essa Cítia, também chamada de “a grande Cítia” desaparece em torno de 300 a.C., enquanto que no segundo século é atestada na Crimeia o reino da “pequena Cítia”, que entrou em conflito com a cidade de Queroneia Taurina. Há também nômades não citas, por exemplo os budinos, mencionados por Heródoto (IV 108), e citas não nômades, os bem conhecidos “lavradores”, *aroteres* em grego (Heródoto IV 17), e “agricultores”, *georgoi* (Heródoto IV 18). Sobre a história desses povos, somos em grande parte dependentes de Heródoto, que lhes dedica uma parte importante do Livro IV das suas *Histórias*<sup>7</sup>. As fontes arqueológicas vêm complementar a informação, tais como os kurgans<sup>8</sup>, ou seja, montes funerários, assim como habitats que conservaram um material rico, mas de difícil interpretação. Na primeira categoria inclui-se o Kurgan Solokha, numa zona de estepe da margem esquerda do rio Dniepre, considerado “real” por causa da riqueza dos objetos<sup>9</sup>; este é sem dúvida um túmulo familiar de populações sedentárias. Como habitat, podemos citar, entre outros, o sítio de Elizavetovka, no Don, cuja existência se estende entre o último terço do século VI e o início do séc. III a.C.

Em relação à interação entre os dois grupos, é preferido atualmente não falar da conquista<sup>10</sup> ou da helenização. O termo “contato” está mais de acordo com a complexidade das relações mantidas (MALKIN, 2011, p.45-48). A questão que se pode levantar é precisamente sobre a dinâmica desses contatos em um ambiente dito “colonial”. Que estratégias são colocadas em prática pelos dois grupos que coexistem e dividem o espaço? Devemos considerar o fato de que esses grupos podem se misturar e que as suas relações não são estáticas durante todo o período considerado. Podemos finalmente perguntar qual a face desta nova cultura que nasce do encontro entre gregos e “bárbaros”.

## 1. A INSTALAÇÃO DOS GREGOS E A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO

Quando os primeiros gregos chegaram ao Mar Negro, este foi considerado um lugar inóspito, sem dúvida em razão da falta de ilhas e das tempestades violentas que poderiam, e podem ainda, irromper subitamente e provocar naufrágios. Xenofonte (*Anábase* VII 5, 14) fala dos ataques das populações trácias na costa ocidental do Mar Negro contra os navios naufragados, um outro indício da “selvageria” dessas

<sup>7</sup> Sobre a representação dos citas no imaginário grego, ver principalmente HARTOG, 1980.

<sup>8</sup> Palavra de origem turca, introduzida pelos russos na terminologia arqueológica, designa os *tumuli*, monumentos funerários em forma de montículo, que cobriam câmaras mortuárias escavadas na terra ou na rocha, estruturas que a partir do Cáucaso se espalharam do Leste europeu à Ásia central, daí advindo a denominação “culturas Kurgan”, que se dividem em várias subculturas, entre as quais os antigos citas e sármatas. N.d.R.

<sup>9</sup> Entre outros, os catálogos publicados por SCHILTZ, 1975 e REEDER, 2001.

<sup>10</sup> O termo implica a existência de confrontos armados e de uma transformação política e institucional programada que não são atestadas pelas fontes, mesmo que os confrontos não possam ser excluídos.

costas, habitadas ao norte pelos tauros amantes de sacrifícios humanos, onde Ártemis foi a sacerdotisa<sup>11</sup>. Como relatam entre outros Píndaro e Estrabão, de *axeinos* (inóspito) o Mar Negro se transforma em *euxeinos* (hospitaleiro), graças à presença grega<sup>12</sup>. Este eufemismo na realidade transpõe o adjetivo iraniano *akšaena*, que significa “negro”, e é visível até hoje no nome moderno do mar. Na verdade, os povos turcos que chegaram na região na época medieval chamaram esse mar “Karadeniz”, literalmente, “Mar Negro” (DAN, 2008).

Contatos são possíveis antes de estabelecida a colonização propriamente dita. Além de uma penetração micênica muito hipotética no Mar Negro, os périplos mostram que margens setentrionais eram frequentadas antes do estabelecimento dos gregos nas margens meridionais, que também é evidente a partir da fundação, em meados do séc. VII a.C., dos quatro estabelecimentos mais antigos, todos jônicos: Istria, Orgame, Berezan / Borístenes e Taganrog, em seguida de Apolônia ( 610 a.C.), Ólbia no continente<sup>13</sup>, Odessos (cerca de 560 a.C.) e as cidades do Reino do Bósforo: Teodósia, Panticapeia, Ninfeu, Mirméquion na península de Kertch, e Hermonassa, Quepoi, Patrasys na península de Taman, pelos milésios, por volta de 590- 560 a.C.; Fanagória pelos colonizadores de Teos fugidos da repressão persa em 540 a.C. (DANA, DANA, 2001-2003, p.107-108). Na costa meridional, Mileto também fundou Sinope, no último quarto do século VII a.C.<sup>14</sup>

Os megarenses, com uma importante presença beócia, fundaram Calcedônia e Bizâncio no Estreito de Bósforo, a primeira no lado asiático, em 685 a.C., a segunda do lado europeu, 17 anos depois de acordo com uma das versões (MALKIN, SHMUELI, 1988). Mais tarde, fundaram também Heracleia do Ponto, em cerca de 560 a.C.<sup>15</sup> Em seguida, nos séc. VI e V a.C., fundam-se as primeiras colônias procedentes de uma colonização secundária: Sinope funda Trapezonte, Kéraso e Kotyôra; Heracleia do Ponto funda Queroneia Taurina em um assentamento mais antigo (422/1 a.C.) e Callatis<sup>16</sup> na costa oeste (início do século V a.C.), enquanto que os megarenses com os calcidônios fundaram Mesembria<sup>17</sup> nas imediações dos estabelecimentos jônicos da costa ocidental (fig.1).

<sup>11</sup> A discussão é complexa, ver HALL, 1989, p.110, p.113-116.

<sup>12</sup> Píndaro *Píticas* IV 362; *Nemeias* IV 79; Estrabão VII 3, 6. Ver também o Pseudo-Scimos *Périplo do Ponto-Euxino* 736-737; Apolodoro *FGrHist* 244 F 157; Diodoro IV 40, 4.

<sup>13</sup> Istria: ALEXANDRESCU, SCHULLER, 1990; D’ERCOLE, 2012, p.173-184; Ólbia: VINOGRADOV, 1981. Em geral, GRAMMENOS, PETROPOULOS, 2003 e 2007.

<sup>14</sup> Lendas de fundação: IVANTCHIK, 1997; DANA, 2007a.

<sup>15</sup> BURSTEIN, 1976; BITTNER 1998.

<sup>16</sup> Atual cidade portuária de Mangalia na Romênia. N.d.R.

<sup>17</sup> Atual balneário Nessebar na Bulgária. N.d.R.

As ligações com as metrópoles são principalmente religiosas e institucionais: os colonos “importaram” os cultos (por exemplo Apolo *letros* e *Delphinios* para os jônios)<sup>18</sup>, o calendário<sup>19</sup>, as subdivisões cívicas (as três *phylai* - “tribos” - e *hekatostyes* - “centenas” - dóricas atestadas nas colônias megarenses)<sup>20</sup> e as magistraturas, também conhecidas como *nomima*, que constituem a “bagagem” cultural das novas fundações. Os colonos importaram também as práticas de escrita, como se vê em uma carta sobre chumbo de Ólbia, enviada por um certo Apatorios a seu patrão Leanax: o hábito dos jônios de escrever sobre pele de cabra ou ovelha é descrito por Heródoto (V, 58). O termo empregado por este autor, *diphteria*, literalmente “peles”, é idêntico àquele mencionado na carta datada no final do séc. VI a.C. (DANA, 2004).

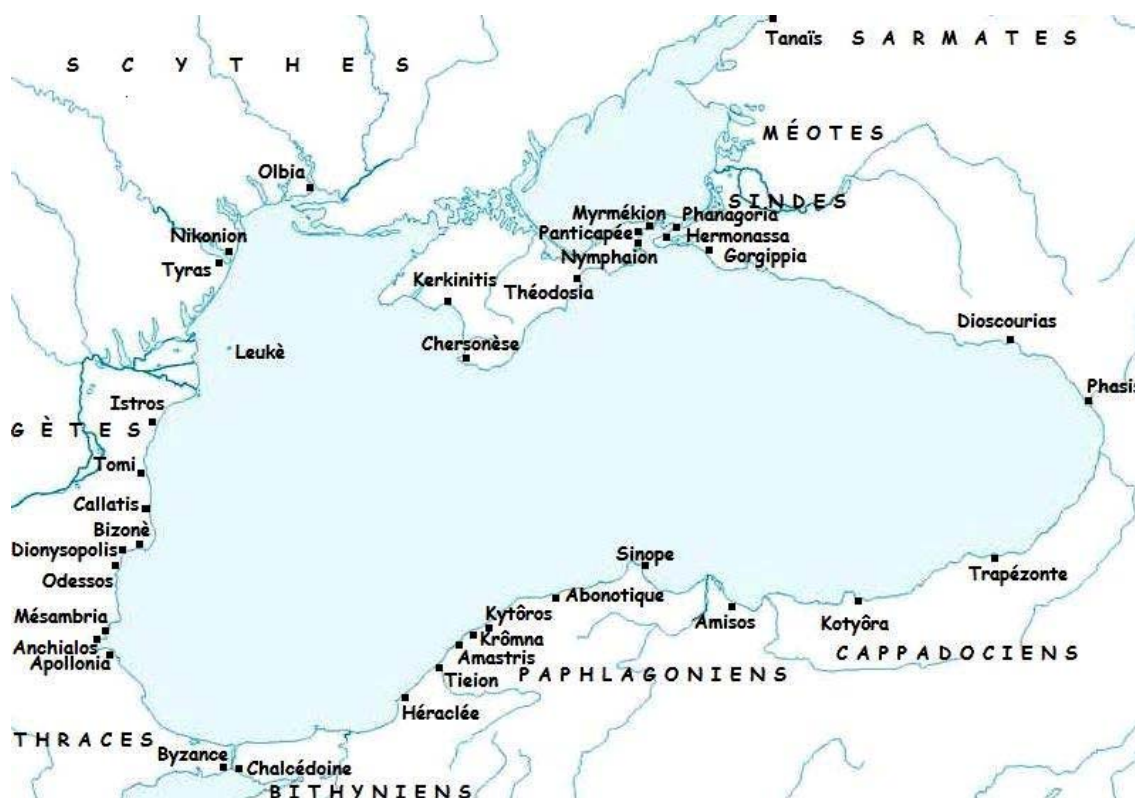


Figura 01: O Mar Negro (mapa M. DANA)..

Em relação à implantação dos colonos, se a origem pode desempenhar um papel nas construções identitárias e na reivindicação de parentescos, a dupla leitura da colonização, agrária ou comercial, em função respectivamente dos modelos jônio e dórico, é obsoleta. As pesquisas atuais têm questionado a

<sup>18</sup> Para as diferentes epicleses de Apolo em Ólbia, ver DUBOIS, 1996, n° 57, 58, 90 (*letros*); n° 93 (*Didymeios*); n° 99 et 65 (*letros* e *Delphinios*). Pode-se também falar de um culto específico que funciona em rede local: Apolo *letros* ou *latros* está presente no Mar Negro em Apolônia, Istria, Tiras, Ólbia, Penticapeia, Hermonassa e Fanagória.

<sup>19</sup> Os meses milésianos aparecem assim como foram transmitidos na sua colônia, Ólbia, cf. DUBOIS, 1996, No. 99: *Taureon*, *Thargelion*, *Kalamaion*, *Panemos*, *Metageitnion*, *Boedromion*, *Kyanepsion*, *Apatourion*, *Poseidon*, *Leneon*, *Anthesterion*, *Artemision*. Os elementos de meses comuns são atestados em Istria e Cízico, por sua vez fundações milésianas.

<sup>20</sup> AVRAM, 1999, p.85-90 (para os cultos, p.91-115); ROBU, 2014.

interpretação etnicisante em relação aos loteamentos de terras de tipo jônico e dórico. De acordo com esta teoria, estaríamos lidando com um padrão ortogonal / regular das colônias dóricas e outro radial / irregular das colônias jônicas, o que corresponderia respectivamente a colônias fechadas (finalidade agrícola) e a colônias abertas (finalidade comercial). A presença de um loteamento quadriculado no interior das redes radiais contradiz flagrantemente este modelo (MÜLLER, 2010, p.166-168). Nas divisões de terras escavadas nos últimos anos, observa-se a repartição do território cívico em lotes iguais, *kleroi*, que lembra a colonização ocidental: por exemplo, é o caso do loteamento das terras da península de Heracleia, no Quersoneso, embora esta situação corresponda ao período helenístico. A distribuição, visível no Ocidente, entre as áreas residenciais e públicas, sagradas e administrativas, também é atestada em Istria (Fig.2).

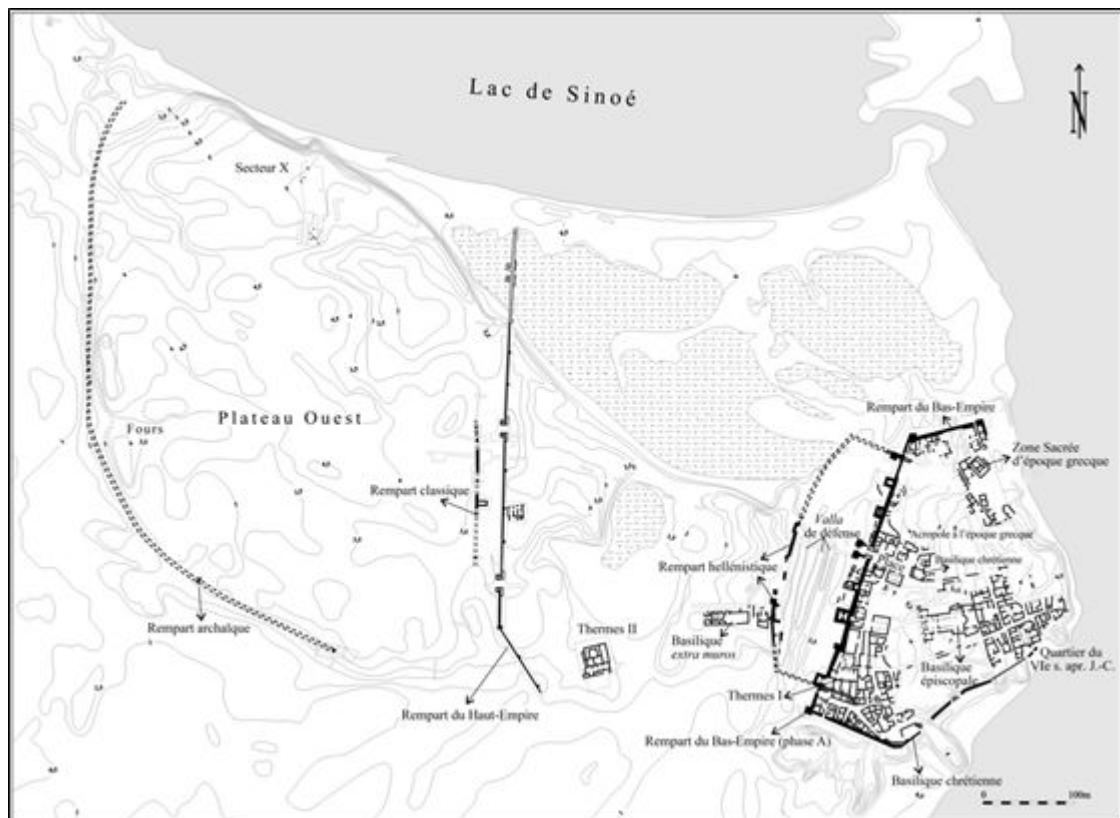


Figura 02: Istria e seu território (mapa A. AVRAM).

O processo de apropriação do espaço não foi o mesmo para toda a costa do Mar Negro. Como para outras regiões afetadas pela colonização grega, foi proposta a teoria de espaço vazio, *eremos chora*, ou pelo menos de uma instalação sem conflito. Na verdade, não se pode de fato descartar totalmente essa teoria. Mas na maioria dos casos trata-se de uma negociação permanente. Parece difícil adotar uma perspectiva única sobre o modo de colonização, dependendo se as cidades se estabeleceram em território virgem ou quase (KOSHELENKO, 2007), habitada por populações autônomas (como os citas e os trácios) ou gradualmente submissas (como os mariandinos, semi-dependentes em relação a Heracleia)<sup>21</sup>, ou dentro de

<sup>21</sup> Ver o estudo aprofundado de AVRAM, 1984.

um império (o poder persa, para as cidades da margem meridional). O território políade, que pode ser visto como uma interface entre colonos gregos e populações locais, foi construído e se organizou progressivamente, em etapas. Assim, a partir do segundo quarto do século VI a.C., Berezan e Ólbia se constituíram uma importante área continental na margem setentrional, entre as margens norte do Dniepre e direita do Bug, com uma área de mais de 45 km<sup>2</sup> que se alarga na segunda metade do séc. VI a.C., em ambas as margens do Bug, com uma rede de 107 estabelecimentos registrados. Esta mesma dinâmica pode ser observada na formação dos territórios no reino do Bósforo, com uma difusão mais tardia de estabelecimentos rurais na parte asiática, na península de Taman<sup>22</sup>.

## 2. UMA PRESENÇA SIMBÓLICA

As solidariedades, concretas ou simbólicas, são visíveis nos dois tipos de colônias. Assim, a assistência mútua é importante para ocupar com sucesso territórios habitados e controlados por populações que lhes são hostis, ou para limitar iniciativas concorrentes na busca de recursos: por exemplo, os megarenses do Ponto que se aliam contra os sâmios, que fundam Perinto na Propôntida em 602 a.C., cidade que poderia representar uma ameaça para Bizâncio e Selimbria (ROBU, 2012). A solidariedade simbólica implica tradições comuns de fundação: tradições relativas à consulta ao oráculo de Delfos (DANA, 2011, p.359-360.), tradições históricas que envolvem a metrópole - uma das três tradições de fundação de Sinope, conservada em Pseudo-Simno, menciona os fundadores milesianos<sup>23</sup> - mas também lendárias. Para esta última, o mais conhecido é a aventura dos Argonautas que aparece em Apolônio de Rodas (II 841-850), onde vemos claramente a necessidade dos gregos de marcar culturalmente um espaço com sua presença. Este processo é semelhante aos *nostoi* (retornos dos heróis aqueus após a Guerra de Tróia) e às viagens de Hércules no Ocidente. Hércules também está presente no Mar Negro, como o herói viajante por excelência: um de seus doze trabalhos acontece entre as amazonas, localizadas na margem meridional do Mar Negro. A sua marca aparece no próprio nome de uma das cidades mais conhecidas do lado meridional do Ponto, Heracleia. Sua história é contada pelos historiadores locais desta cidade e, especialmente, por Heródoro (séc. V a.C.)<sup>24</sup>.

Esta ancoragem simbólica que consiste em uma adaptação de certas lendas panelênicas em um determinado local, é ainda mais claramente ressaltada com o mito de Aquiles. Assim como o mito de Hércules, ele é ambivalente pois serve tanto para incluir o Mar Negro no Mediterrâneo, através do mito

<sup>22</sup> MÜLLER, 2006; BARALIS, 2012, p.204-205.

<sup>23</sup> Pseudo-Simno *Périplo do Ponto-Euxino* F 27 (941-952 M. = 986-997 D.); Anon. *Per. Pont. Eux.* 22 M.

<sup>24</sup> Sobre esta "especialidade local", ver DANA, 2011, p.243-246.



universal, quanto para individualizar este espaço através da atribuição de uma identidade própria: Aquiles foi enterrado ali e uma ilha é dedicada a ele, onde ele recebe um culto genuíno (DANA, 2007b, p.177-180.). As fontes mais importantes sobre o assunto são tardias (Estrabão no séc. I a.C., Dio Crisóstomo e Arriano no séc. II d.C.)<sup>25</sup>, mas elas provavelmente resumem todas as lendas locais que permaneceram por mais de oito séculos. O papel de Aquiles é proteger os navegadores, como os Dióscuros, o que não é surpreendente nesse mar de reputação perigosa. O mito deve ter acompanhado os colonos e fazia parte do seu patrimônio cultural; o herói permaneceu seu protetor, juntamente com Apolo *letros*, e esse espaço é de alguma forma dedicado a ele, como mostrado na epiclese *pontarches* no período imperial. Aquiles é tratado como uma divindade, com lugares de culto e concursos em sua honra. Em Ólbia, ainda na época imperial, de acordo com as inscrições, os magistrados participavam desses concursos. A ilha que lhe é consagrada é a atual Ilha das Serpentes (hoje em dia, Zmeinyi, na Ucrânia), que não é habitada. Durante a Antiguidade ela era conhecida com o nome de Ilha Branca (*Leuke*), por causa dos pássaros que limpavam o templo. O caminho de Aquiles, mencionado por Arriano, não passa por esta ilha, mas em uma estreita faixa litorânea perto de Ólbia, onde seriam realizadas as corridas em honra do deus<sup>26</sup>.

O Mar Negro é um lugar periférico, porque é um território fabuloso onde se encontram heróis míticos, mas também um espaço domado pela colonização, onde são praticados ritos gregos para o herói grego mais respeitado e cantado pelo poeta grego por excelência, Homero. Os poemas homéricos representam também a base da educação grega, a escola da Grécia, e, incluindo o Ponto, as crianças aprendiam a ler e escrever com a *Ilíada* e a *Odisseia*. Os grafites descobertos em Istria, Ólbia e Quersoneso contêm exercícios escolares com fragmentos das epopeias homéricas ou relacionados com o Ciclo Troiano<sup>27</sup>.

### 3. VIVER JUNTOS

O caso mais explícito de coabitação, e por consequência da relação entre poder e território, é mostrado pelo Reino do Bósforo, cuja característica é lida na própria titulação de seus líderes, evidenciada pelas inscrições: *arconte* das cidades gregas (Bósforo e Theodosia), reis dos povos indígenas (sinidos, dos toretes, dos dandarianos e dos psses). A dualidade do status político é fundamental na região (MÜLLER, 2010, p.39-41).

Este reino, que surgiu no século V a.C., acabou por abranger todas as cidades gregas da costa nordeste e estabeleceu sua capital em Panticapeia, também conhecida sob o nome metonímico de Bósforo.

<sup>25</sup> Estrabão VII 3, 19; Dio Crisóstomo *Borysthenitikos* (Or. 36) 9; Arriano *Périplo do Ponto-Euxino* 21-23.

<sup>26</sup> Por último HUPE, 2006.

<sup>27</sup> DANA, 2007c, p.186-188; DANA, 2009.

Sob os arqueanácidas<sup>28</sup> (cerca de 480 a.C.), mas especialmente sob os espartócidas<sup>29</sup> (438 / 437-109 a.C.), houve a formação de um regime político que anuncia de várias maneiras os reinos helenísticos, em particular através da simbiose que ocorre entre cidades gregas, que preservam parcialmente as suas instituições, e os povos indígenas conquistados, vassalizados ou associados (HIND 1994). Sob os primeiros espartócidas, Sátiro I<sup>30</sup> e Lêucon I<sup>31</sup>, vemos a expansão do reino para o Leste, para as tribos sindo-meotas: a Síndica, além de outras tribos, permitindo então que Lêucon I fosse chamado “rei dos sindas, dos toretas, dos dandarianos e dos psesses”, e que Perisades I<sup>32</sup> acrescentasse os tateus e doscos, ou seja, “rei de todos os meotas”. No terceiro quarto do séc. IV a.C. a formação territorial estava completa: 5.000 km<sup>2</sup>, trinta cidades, uma vasta *chora*. Há também a constituição de um exército de mercenários, a associação dos filhos no poder e o patrocínio cultural. É digno de nota, quando da morte de Pairisades I, por volta de 310 a.C. (Diodoro XX 22), que seus dois filhos mobilizam os “bárbaros” em seus exércitos: 20.000 citas dos quais 10.000 cavaleiros para Sátiro, 42.000 siracos para seu irmão Eumelo<sup>33</sup>.

Voltados então para a população local, um dos fundamentos de seu poder, os reis bósforos se voltaram de maneira não menos importante para o mundo grego, não só das cidades coloniais, mas também do Mediterrâneo, incluindo Atenas<sup>34</sup>. Das duas cidades mais importantes do reino, Panticapeia e Teodósia, partiam navios carregados de trigo, que os atenienses cobijavam<sup>35</sup>. A demanda se situa, portanto, do lado ateniense, e a oferta, por parte dos reis. Durante todo o século IV a.C., os reis do Bósforo e os atenienses mantiveram relações cordiais com base no interesse mútuo. Demóstenes, em *Contra Leptino*, se opõe à lei que este havia feito votar 356 a.C. para suprimir todas as imunidades, sendo Lêucon I o primeiro lesado<sup>36</sup>. Em Atenas, o rei se beneficiava de dois privilégios importantes e concomitantes: a cidadania e a isenção de impostos<sup>37</sup>. A arte no Reino do Bósforo sofreu influência ática, como evidenciado pelos muitos artigos de luxo importados pela aristocracia greco-indígena da época dos espartócidas.

<sup>28</sup> Dinastia reinante no Bósforo entre 480 e 438 a.C., iniciada por Arqueanax, sucedido por mais três reinados. N.d.R.

<sup>29</sup> Dinastia dos reis do Bósforo iniciada com o tirano de origem trácia Espártocos I, que governou entre 438 e 433 a.C. N.d.R.

<sup>30</sup> Reinou entre 433 e 389 a.C. N.d.R.

<sup>31</sup> Reinou entre 389-349 a.C. N.d.R.

<sup>32</sup> Reinou entre 349 e 311 a.C. N.d.R.

<sup>33</sup> MÜLLER, 2009, p.105-106; PODOSSINOV, 2012.

<sup>34</sup> BRAUND, 2005. Ver também DANA, 2011, p.264-266.

<sup>35</sup> Não se deve entretanto exagerar a importância desse comércio, ver WHITBY, 1998.

<sup>36</sup> Demóstenes *Contra a lei de Leptino* 31-33 (355/354 a.C.).

<sup>37</sup> Vários decretos atenienses em favor dos reis do Reino de Bósforo foram preservados, sobre as honras votadas em Atenas: (1) para os filhos de Lêucon (Espártocos, Perisades e Apolônio), com a menção honrosa de seu pai: *IG II<sup>2</sup> 212 = Syll.<sup>3</sup> 206*; (2) estátuas de bronze na Ágora para Perisades, Sátiro e Gorgippos: *Dinarco Contra Demóstenes (Or. 1) 43* (discurso 323 a.C., acusando Demóstenes de venalidade); (3) para Espártocos III, em 285/284: *IG II<sup>2</sup> 653 = Syll.<sup>3</sup> 370*.

Além deste exemplo singular, relações complexas se formaram entre os habitantes das cidades gregas e as populações locais. Estas interações podiam variar de trocas econômicas benéficas para ambas as partes envolvidas até conflitos e tensões. No entanto, deve-se notar que as relações não foram constantes em todas as épocas. Além disso, os vários conflitos, especialmente em relação ao “imposto de proteção” aplicado às cidades, nem sempre parecem refletir-se nas dinâmicas comerciais regionais. Assim, a complementariedade das trocas é visível desde o começo das cidades: como aparece em Heródoto (IV 24), os citas podem ser úteis para os gregos porque eles fornecem informações sobre as populações distantes, devido à sua mobilidade e sua diversidade linguística<sup>38</sup>. Os produtos do comércio são citados por diversos autores: Políbio (IV 38) e Estrabão falam das matérias-primas exportadas pelos “nômades da Ásia” (madeira, peles) e escravos, e eles obtêm em troca “o vestuário, o vinho e tudo o que é próprio à vida civilizada” (Estrabão XI 2, 3). A popularidade dos itens de luxo grego dentre as elites indígenas é bem atestada: vasos gregos e joias de fabricação grega, suntuosos, foram encontrados em túmulos (*kurgan*) citas ao norte do Mar Negro, nas estepes, mas também em tumbas getas e trácias, na costa oeste, em Dobroudja (ALEXANDRESCU, 2002).

A interface onde gregos e indígenas estabelecem as trocas comerciais é o *emporion*. Trata-se de um triplo significado desta noção: *emporion* fundados pelos gregos e que estão sob sua jurisdição; cidades independentes com um papel central no trânsito de mercadorias; e, finalmente, estabelecimentos como aqueles localizados ao norte do mar de Azov, por exemplo Taganrog e Tânais (BARALIS, 2012, p.216-218). Não é obrigatório que esses *emporion* sejam estabelecidos à beira mar: os *emporion* que eram por vezes localizadas no interior também foram atestados, por exemplo Pistiros, na Trácia<sup>39</sup>.

As diversas relações, assim como as pressões fiscais exercidas pelos citas, estão evidenciadas por uma série de documentos que parecem caracterizar as regiões periféricas, a saber, as cartas em chumbo e em fragmentos de cerâmica, cujo número no Mar Negro é superior a vinte<sup>40</sup>. A mais conhecida é a enviada em 500 a.C. pelo representante de um comerciante grego de Ólbia, Aquilodoro, a seu filho, para informá-lo de suas desventuras (Fig.3)<sup>41</sup>: havia de fato caído com seus bens nas mãos de um certo Matasys, que carrega um nome cita. Matasys o considera, erroneamente, como escravo de um certo Anaxágoras, para compensar os alegados prejuízos nos negócios com este último. São mencionados a “cidade”, sem dúvida Ólbia, e os arbinates, uma população local em cujo território a família de Aquilodoro devia possuir uma propriedade. Assim, observa-se que a área de ação do comerciante avança longe no território. Este deve ser o caso de outro comerciante, Apatorios, que escreveu a seu chefe Leanax (representante de uma família importante,

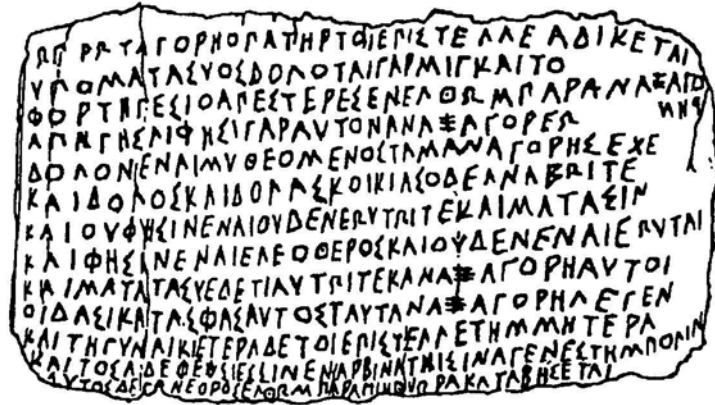
<sup>38</sup> Ver as observações de MÜLLER, 2009, p.102.

<sup>39</sup> Por último, CHANKOWSKI ; CHANKOWSKI, 2012.

<sup>40</sup> Cartas: DANA, 2007d. Sobre as pressões sociais, ver MÜLLER, 2009, p.103-104.

<sup>41</sup> Última edição por DUBOIS, 1996, n° 23.

dado o nome aristocrático) sobre o mesmo assunto (DANA 2004): seus bens foram apreendidos por um Herakleides (nome grego), casado com uma mulher nativa, Thathaie; Aporios pede a seu chefe os registros (*diphtheria*) para mostrar boa-fé. Várias outras cartas ou bilhetes mencionam os bens comercializados de uma cidade para um entreposto comercial e vice-versa. Conhecemos, dessa forma, o tráfico de escravos comprados em um mercado (Ólbia) e vendidos em outro (Fanagória)<sup>42</sup>.



**Figura 03:** Carta de Aquilodoro de Berezan (final do séc. VI a.C.). Facsimile reproduzido em DUBOIS, Laurent. *Les inscriptions grecques dialectales d'Olbia du Pont*. Genova: Droz, 1996, p.50, n° 23.

As cartas sobre chumbo mostram talvez o bilinguismo, ou pelo menos o conhecimento do grego por não-gregos. Evidentemente estes intermediários comerciais ou comerciantes não só tinham que falar grego, mas, por razões práticas, como a elaboração e atualização dos registros, das listas de produtos e dos inventários, precisavam também ler e talvez escrever grego<sup>43</sup>.

Às vezes, aconteceu que uma certa tensão se instalou entre as cidades gregas e seus vizinhos, devido à presença nas proximidades das cidades de vários reis e chefes que disputavam o território. Além disso, a rivalidade entre as diferentes tribos era perceptível nas suas relações com cidades e resultou em ataques, invasões de territórios ou negociações, mencionadas por fontes literárias e epigráficas. Um texto de Políbio nos relata a posição privilegiada dos bizantinos no lado europeu do Bósforo, que é a sua principal preocupação, já que era cobijado por tribos trácias. Esta posição, de onde podiam controlar a passagem de e para o Mar Negro, os havia encorajado, no início do século III a.C., a querer impor um imposto sobre os navios mercantes, criando assim um conflito sob o comando de Rodes. A guerra que se seguiu nos anos 230-220 a.C. forçou os bizantinos a ceder (Políbio *Histórias* IV 45-49). Esta posição privilegiada – não somente para o tráfego comercial, mas também por causa da presença de cardumes de peixes que contornavam, por causa das correntes marítimas, a costa da Ásia Menor<sup>44</sup> – haviam dado à Calcedônia o apelido de “cidade dos

<sup>42</sup> Por último, DANA, 2007d, p. 87-88.

<sup>43</sup> Sobre a questão da *literacy* dos mercadores, ver WILSON, 1997-1998.

<sup>44</sup> Estrabão VII 6, 2 sobre a abundância da pesca entre os bizantinos, enquanto que os calcedônios não se beneficiam; cf. Também Plínio *História Natural* IX 20; Tácito *Anais* XII 63.

cegos” (o primeiro a falar foi Heródoto): apesar de terem chegado na região dezessete anos antes dos bizantinos, os calcedônios não tinham notado os benefícios do lado europeu e tinham preferido outro, menos desejável. Entretanto, é bastante provável que eles tenham percebido os inconvenientes desse lado, a saber, a presença das populações trácias, ou mesmo que essas últimas tenham se mostrado decididamente hostis (MALKIN, SHMUELI, 1988). Estas tribos se apossavam da colheita, mas também deviam praticar extorsão, como visto em duas inscrições bem conhecidas da região: os decretos para os benfeitores Agátocles de Istria e Protógenes de Ólbia, ambos datados do final do séc. III a.C.<sup>45</sup> No momento em que os habitantes das cidades estavam prestes a colher a safra, um ou mais chefes locais exigiam uma quantia em dinheiro para não destruí-la. Os gregos preferiam pagar, pois uma fome traria mais dificuldades financeiras do que o pagamento do tributo (discretamente mascarado em *dora*, “presentes”). Os chefes indígenas sabiam, o que lhes permitiu manter a pressão. Na linguagem epigráfica, as cidades queriam garantir uma aparência de dignidade: elas agradecem aos benfeitores (indivíduos ricos dispostos a colocar parte de suas fortunas ou a sua vida ao serviço da cidade), através de instituições civis. Elas mantinham assim um modo de vida grego, mesmo sob as condições mais difíceis.

As cidades das costas norte e oeste, principalmente, são obrigadas a ficar sob o protetorado de líderes indígenas. Este foi o caso sobretudo de Ólbia, entre os reinados dos reis citas Cílis e Cíluros. Na costa ocidental, dinastias citas, getas e trácias (especialmente os odrises) disputavam a proteção às cidades gregas, por vezes no âmbito de tratados. Apesar destes acordos, eles não hesitaram em tomar reféns ou ameaçar a cidade se o tributo não fosse pago na hora. Vemos, especialmente no decreto para Protógenes, que os gregos eram assediados por todos os lados: provavelmente não é um exagero, porque parece que naquela época a situação era realmente crítica. No mesmo decreto, vemos também aparecerem os *Mixellenes*<sup>46</sup>, ou seja, bárbaros misturados (CASEVITZ, 2001, p.41-47), vivendo ao lado dos gregos, que são suficientemente numerosos e que, em situações semelhantes, tinham lutado ao lado dos olbiopólitas. Havia, portanto, situações intermediárias, e mesmo entre os “bárbaros” não misturados alguns se mostravam mais hostis do que outros.

No entanto, apesar das afirmações de Políbio e da impressão de catástrofe permanente que só um homem providencial poderia salvar a cidade – talvez um traço característico dos decretos para benfeitores, um *topos* –, esses episódios provavelmente não representavam o cotidiano das cidades, pelo menos não em todas as épocas. Além disso, nem todos os líderes indígenas eram hostis com as cidades. De qualquer forma, as incursões violentas não impediam o comércio e, especialmente, a compra nos mercados locais de objetos gregos, nem tampouco a partilha das práticas comuns em muitas áreas.

<sup>45</sup> Agátocles: PIPPIDI, 1983, n° 15; Protógenes: LATYSHEV, 1965, n° 32.

<sup>46</sup> Μιξέλληνες. Cf. Políbio I 67, 7. N.d.R.

#### 4. UMA OSMOSE CULTURAL?

Os fenômenos de hibridização e de transferência são inerentes a qualquer forma de coabitação. Mais do que uma aculturação grega, pode-se evocar nesses “ambientes coloniais” as transformações recíprocas em contato com outra cultura, que os estudiosos chamam atualmente de *Middle Ground*, mas que pode ter qualquer nome desde que reflita a interculturação, com seus avanços e seus limites (ÉTIENNE, 2010, p.7).

Quando os gregos chegaram, eles foram obrigados a se adaptarem desde o início às condições climáticas. Eles tiveram que tomar emprestadas técnicas das populações locais, tais como cabanas subterrâneas ou semi-subterrâneas, que foram por muito tempo consideradas como “indígenas”, até percebermos que os gregos tiveram que viver nelas antes de tirarem proveito de uma arquitetura de pedra. Estas eram habitações cômodas e adaptadas ao clima. Deviam, portanto, ser associadas à instalação das *apoikiai*, caracterizando assim a fase de acampamento ou de estabelecimento da cidade. Caso contrário, seríamos obrigados a recusar toda a cronologia da colonização (MÜLLER, 2010, p.191-195).

Transferências de práticas religiosas, e mesmo a adoção de algumas dentre elas, aconteceram em ambientes coloniais, mesmo que não se possa falar de uma “fusão” ou de uma “*koine*” das duas culturas. O imaginário religioso era transmitido através de cerâmica pintada vinda da Grécia, difundida em todas as camadas da sociedade grega e também entre alguns indígenas. Mesmo que os mitos e os motivos artísticos gregos não significassem a mesma coisa para os citas ou trácios que viviam em torno das cidades gregas, nada impedia as transferências técnicas e culturais. Nas tumbas monumentais dos chefes citas, foi encontrado um grande número de objetos em metal (aljavas, copas, bainhas de espada), compreendendo tanto temas citas (guerreiros, captura de cavalos selvagens, o modo de vida cita)<sup>47</sup> quanto gregos (Atena, Apolo com as Musas, episódios da vida de Aquiles)<sup>48</sup>. Importa pouco se os artistas que os executaram eram gregos trabalhando em encomendas para os clientes locais, ou citas que aprenderam técnicas gregas nas cidades<sup>49</sup>. A presença autóctone na cidade, durante muito tempo sujeita a uma interpretação étnica dos artefatos, é também difícil de identificar se se leva em consideração o critério onomástico, devido à helenização dos nomes. Um exemplo pertinente é o caso de certo Tychon de Panticapeia – um perfeito nome grego – cuja inscrição menciona que ele é tauro e cujo corpo é coberto com ocre, segundo os ritos funerários desta população<sup>50</sup>.

---

<sup>47</sup> Ver o catálogo publicado por SCHILTZ, 1975.

<sup>48</sup> Para esta última cena, ver SCHILTZ, 2001, fig.89.

<sup>49</sup> Ver as questões levantadas por MOREL, 2010.

<sup>50</sup> STRUVE, 1965, n° 114. Ver o comentário deste epigrama em NOLLÉ, OLLER GUZMÁN, 2016, p.86-87, n° I.5.

As práticas sociais e epigráficas sublinham também as sociedades em contato. Os casamentos de gregos com mulheres indígenas deviam existir desde o início das cidades<sup>51</sup>, para garantir a sobrevivência da comunidade, uma vez que apenas o contingente masculino devia deixar a metrópole para enfrentar a aventura. No entanto, não está excluído que um número limitado de mulheres os tenha acompanhado, especialmente para assegurar certos cultos<sup>52</sup>, ou tenha se juntado a eles mais tarde; em seguida, das primeiras gerações nasciam as mulheres que entravam no sistema habitual de casamentos. Os casamentos no outro sentido também deviam ter existido, entre governantes citas e gregas das cidades, como evidenciado pela história do rei Cílis (*Skyles*) contada por Heródoto (IV 78-79): não só a mãe de Cílis, esposa do rei Ariapito (*Ariapeithes*), era originária de uma cidade grega, Istria, mas também uma das mulheres de Cílis, com quem se casou em Óbia. Além disso, sua mãe havia transmitido ao rei cita o amor pela literatura e cultura gregas<sup>53</sup>. Uma dedicatória a Hermes proveniente de Óbia e datando da mesma época da história da Cílis (séc. V a.C.), e erigida por um certo Igdampaies, provavelmente um cita, mesmo se o nome nem sempre seja um indício de pertencimento étnico. Um outro nome em que foi reconhecido um híbrido greco-cita, Idantemis, aparece em um grafite simpótico de Berezan, por volta de 550 a.C.<sup>54</sup>, sinal da adoção pelas populações locais não somente das divindades, mas também das práticas sociais e literárias gregas. Finalmente, as fontes datadas principalmente do final do período helenístico atestam “especialistas” gregos nas cortes de dinastias locais. Isto é, artesãos, soldados, comerciantes e diplomatas, como Posideos, filho de Posideos, de Óbia, conselheiro e almirante do rei cita Cíluos (*Skilouros*) na capital do reino cita de Neápolis, no século II a.C.<sup>55</sup>

## CONCLUSÃO

Em todo caso, a necessidade de se adaptar um ao outro é evidente: ceder terra para alguns (quando eles não empurravam de volta os novos ocupantes), encontrar recursos para outros; adaptar-se às exigências do novo ambiente (para os gregos) ou se adaptar à chegada de estrangeiros (para os povos indígenas). Gregos e indígenas configuram uma intensa rede de trocas, que não se limita às trocas econômicas. Episódios de conflito e violência não podem ser excluídos, mas de toda forma não se pode falar de guerras permanentes ou de uma política de aniquilação mútua; trata-se principalmente de ataques por diversos pequenos grupos. Isto se deve precisamente ao caráter muito heterogêneo das populações locais: os dinastas conduziam guerras uns contra os outros e as cidades gregas serviam de palco para diversas operações. Deste encontro

<sup>51</sup> AVRAM, 1996, p.250. Em geral ESPOSITO, ZURBACH, 2010.

<sup>52</sup> Ver o exemplo de Aristarco da Fócia, o primeiro sacerdote de Ártemis em Marselha (Estrabão IV 1, 4).

<sup>53</sup> Sobre esta mulher letrada, ver DANA, 2011, p.374.

<sup>54</sup> DUBOIS, 1996, n° 77 (Igdampaies) e 27 (Idanthemis).

<sup>55</sup> Sobre o papel desse personagem na capital da “pequena Cítia”, ver MÜLLER, 2010, p.261-264.

nasce uma cultura que não é uma cultura comum, mas uma entidade inefável, onde em cada uma das culturas se vislumbra o reflexo e as influências do outro, sem que isso seja necessariamente consciente ou assumido. Além disso, o discurso dos gregos, o único que conhecemos, enfatiza a necessidade de se manterem afastados dos “povos bárbaros” para não desfigurar sua identidade (DANA, 2012, p.69-71). Já os dados arqueológicos contam uma outra história, de trocas permanentes e de empréstimos recíprocos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDRESCU, Petre & SCHULLER, Wolfgang (éd.). *Histria. Eine Griechenstadt an der rumänischen Schwarzmeerküste*. Konstanz: Universitätsverlag Konstanz, 1990.
- ALEXANDRESCU, Petre. L'art des Gètes et des Triballes. *Ancient West & East*, Leuven: Brill, 1, p.163-172, 2002.
- AVRAM, Alexandru. Bemerkungen zu dem Mariandynern von Herakleia am Pontos. *StudClas*, Bucarest: Societatea de Studii Clasice din România, 22, p.19-28, 1984.
- AVRAM, Alexandru. Modes de contact entre Grecs et Gètes à Histria à l'époque archaïque. In: LORDKIPANIDZE Otar & LEVEQUE Pierre (éd.). *Sur les traces des Argonautes*. Actes du 6<sup>e</sup> symposium de Vani (Colchide), 22-29 septembre 1990. Besançon: PUFM, 1996, p.241-252.
- AVRAM, Alexandru. *Inscriptiones Scythiae Minoris*, III. Callatis et son territoire. Bucarest-Paris: Editura Enciclopedica, 1999.
- BARALIS, Alexandru. Les diasporas grecques du nord de l'Égée de Propontide et de mer Noire. In: BOUFFIER, Sophie (éd.). *Les diasporas grecques*. Du Déroit de Gibraltar à l'Indus (VIII<sup>e</sup> s. av. J.-C. à la fin du III<sup>e</sup> s. av. J.-C.). Paris: Sedes, 2012, p.189-238.
- BITTNER, Angela. *Gesellschaft und Wirtschaft in Herakleia Pontike*. Eine Polis zwischen Tyrannis und Selbstverwaltung. Bonn: R. Habelt, 1998.
- BRAUND, David (éd.). *Scythians and Greeks*. Cultural Interactions in Scythia, Athens and the Early Roman Empire (Sixth Century BC-First Century AD). Exeter: University of Exeter Press, 2005.
- BRESSON, Alain, IVANTCHIK, Askold & FERRARY, Jean-Louis (éd.). *Une Koinè pontique*. Cités grecques, sociétés indigènes et empires mondiaux sur le littoral nord de la mer Noire (VII<sup>e</sup> s. a.C.-III<sup>e</sup> s. p. C.). Bordeaux: Ausonius, 2007.
- BURGUNDER, Pascal (éd.). *Études pontiques*. Histoire, historiographie et sites archéologiques du bassin de la mer Noire. Lausanne: Université de Lausanne, 2012.
- BURSTEIN, Samuel M. *Outpost of Hellenism: The Emergence of Heraclea on the Black Sea*. Berkeley-Los Angeles-Londres: University of California Press, 1976.
- CASEVITZ, Michel. Le vocabulaire du mélange démographique: Mixobarbares et Mixhellènes. In: FROMENTIN, Valérie & GOTTELAND, Sophie (éd.). *Origines Gentium*. Bordeaux: Ausonius, 2001, p.41-47.
- CHANKOWSKI, Andrzej & CHANKOWSKI, Véronique. La présence grecque en Thrace intérieure: l'exemple de «Pistiros». In: MARTINEZ-SEVE, Lauriane (éd.). *Les diasporas grecques du VIII<sup>e</sup> à la fin du III<sup>e</sup> siècle av. J.-C.* Actes du colloque de la SOPHAU, Université Charles-de-Gaulle-Lille 3, 11 et 12 mai 2012 (*Pallas*, 89). Toulouse: Publications de l'Université de Toulouse, 2012, p.275-290.

- DAMYANOV, Margarit. On the Local Population around the Greek Colonies in the Black Sea Area (5th-3rd Centuries BC), *Ancient West and East*, Leuven: Peeters, 2, p.253-264, 2003.
- DAN, Anca. Du Pont à la Mer Majeure: notes de philologie et d'histoire. *Peuce N.S.*, Tulcea: Institutul de Cercetări Eco-Muzeale Tulcea, 6, p.165-188, 2008.
- DANA, Madalina. Lettre sur plomb d'Apatorios à Léanax. Un document archaïque d'Olbia du Pont. *ZPE*, Bonn: Institut für Altertumskunde, Universität zu Köln, 148, p.1-14, 2004.
- DANA, Madalina. Traditions de fondation dans l'épigraphie de Sinope. *REG*, Paris: Association pour l'Encouragement des Etudes grecques, 120, p.511-525, 2007a.
- DANA, Madalina. Cultes locaux et identité grecque dans les cités du Pont-Euxin. *LEC*, Namur: Société des études classiques a.s.b.l., 75, p.171-186, 2007b.
- DANA, Madalina. Éducation et culture à Istros. Nouvelles considérations. *Dacia*, NS, Bucarest: Institutul de arheologie București, 51, p.185-209, 2007c.
- DANA, Madalina. Lettres grecques dialectales nord-pontiques (sauf *IGDOP* 23-26). *REA*, Bordeaux: Ausonius, 109 (1), p.67-97, 2007d.
- DANA, Madalina. Alphabets et exercices scolaires dans deux cités du Pont ouest: Istros et Tyras. *ZPE*, Bonn: Institut für Altertumskunde, Universität zu Köln, 171, p.71-82, 2009.
- DANA, Madalina. *Culture et mobilité dans le Pont-Euxin*. Approche régionale de la vie culturelle des cités grecques. Bordeaux: Ausonius, 2011.
- DANA, Madalina. Le «centre» et la «périphérie» en question: deux concepts à revoir pour les diasporas. In: MARTINEZ-SEVE, Lauriane (éd.). *Les diasporas grecques du VIII<sup>e</sup> à la fin du III<sup>e</sup> siècle av. J.-C.* Actes du colloque de la SOPHAU, Université Charles-de-Gaulle-Lille 3, 11 et 12 mai 2012 (*Pallas*, 89). Toulouse: Publications de l'Université de Toulouse, 2012, p.57-76.
- DANA, Madalina & DANA, Dan. Histoires locales dans le Pont Euxin ouest et nord. Identité grecque et construction du passé. *Il Mar Nero*, Rome-Paris: Edizioni Quasar di Severino Tognon, 5, p.91-111, 2001-2003.
- D'ERCOLE, Cecilia. *Histoires méditerranéennes*. Aspects de la colonisation grecque de l'Occident à la mer Noire (VIII<sup>e</sup>-IV<sup>e</sup> siècles av. J.-C.). Arles: Editions Errance, 2012.
- DUBOIS, Laurent. *Inscriptions grecques dialectales d'Olbia du Pont*. Genève: Droz, 1996.
- EHRHARDT, Norbert. *Milet und seine Kolonien*. Vergleichende Untersuchung der kultischen und politischen Einrichtungen. 2 ed, Frankfurt: Peter Lang, 1988.
- ESPOSITO, Arianna & ZURBACH, Julien. Femmes indigènes et colons grecs: quelques observations. In: ROUILLARD, Pierre (éd.). *Portraits de migrants, portraits de colons II*. Actes du Colloque International, Nanterre 2009. Paris: De Boccard, 2010, p.51-70.

- ÉTIENNE, Roland. Historiographie, théories et concepts. In: ÉTIENNE, Roland (éd.). *La Méditerranée au VII<sup>e</sup> siècle*. Essais d'analyses archéologiques. Paris: De Boccard, 2010, p.3-26.
- FRISONE, Flavia & LOMBARDO, Mario, Periferie? Sicilia, Magna Grecia, Asia Minore. In: GIANGIULIO, Maurizio (éd.). *Storia d'Europa et del Mediterraneo* (dir. BARBERO, Alessandro). *Il Mondo Antico. II. La Grecia. Vol. III. Grecia e Mediterraneo dall'VIII sec. a.C. all'Età delle guerre persiane*. Roma: Salerno Editore, 2008, p.177-225.
- GRAMMENOS, Dimitrios V. & PETROPOULOS, Elias K. (éd.). *Ancient Greek Colonies in the Black Sea*, I-II. Thessalonique: A.I.B.E, 2003.
- GRAMMENOS, Dimitrios V. & PETROPOULOS, Elias K. (éd.). *Ancient Greek Colonies in the Black Sea*, I-II. Oxford: Archaeopress, 2007.
- HALL, Edith. *Inventing the Barbarian*. Greek Self-Definition through Tragedy. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HANNEL, Krister. *Megarische Studien*. Lund: Ph. Lindstedt Univ.-Bokhandel, 1934.
- HARTOG, François, *Le miroir d'Hérodote*. Essai sur la représentation de l'autre. Paris: Gallimard, 1980.
- HEINEN, Heinz. *Antike am Rande der Steppe*. Der nördliche Schwarzmeerraum als Forschungsaufgabe. Mainz-Stuttgart: Steiner, 2006.
- HIND, John. The Bosporan Kingdom. In: *Cambridge Ancient History*, 2 ed., VI. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p.476-511.
- HUPE, Joachim (éd.). *Der Achilleus-Kult im nördlichen Schwarzmeerraum vom Beginn der griechischen Kolonisation bis in die römische Kaiserzeit*. Rahden: M. Leidorf, 2006.
- IVANTCHIK, Askold. Les légendes de fondation de Sinope du Pont. *REA*, Bordeaux: Ausonius, 99, p.33-45, 1997.
- KOSHELENKO, Gennadii A. Les premiers contacts entre Grecs et barbares aux franges du Bosphore Cimmérien: écologie, archéologie et histoire. In: BRESSON, Alain, IVANTCHIK, Askold & FERRARY, Jean-Louis (éd.). *Une Koinè pontique*. Cités grecques, sociétés indigènes et empires mondiaux sur le littoral nord de la mer Noire (VII<sup>e</sup> s. a.C.-III<sup>e</sup> s. p.C.). Bordeaux: Ausonius, 2007, p.21-27.
- LATYSHEV, Vassilij. *Inscriptiones Antiquae orae septentrionalis Ponti Euxini Graecae et Latinae*, I<sup>2</sup> [1916]. 1965. Réimpr. Hildesheim, G. Olms.
- LORDKIPANIDZE Otari & LEVEQUE Pierre (éd.). *Sur les traces des Argonautes*. Actes du 6<sup>e</sup> symposium de Vani (Colchide), 22-29 septembre 1990. Besançon: PUFM, 1996.
- MALKIN, Irad. *Mediterranean Paradigms and Classical Antiquity*. London-New York: Routledge, 2005.
- MALKIN, Irad. *A Small Greek World*. Networks in the Ancient Mediterranean. New York-Oxford: Oxford University Press, 2011.

- MALKIN Irad & SHMUELI Nino. The «City of the Blind» and the Founding of Byzantium, *MHR*, London: Taylors & Francis, 3, p.21-36, 1988.
- MALKIN, Irad, CONSTANTAKOPOULOU, Christy & PANAGOPOULOU, Katerina (éd.). *Greek and Roman Networks in the Mediterranean*. London-New York: Routledge, 2009.
- MOREL, Jean-Pierre. Quelques aspects de la culture matérielle dans le Pont Nord: vers une *koinè* entre Grecs et indigènes. In: TREZINY, Henri (éd.). *Grecs et indigènes de la Catalogne à la mer Noire*. Actes des rencontres du programme européen Ramses 2, 2006-2008. Paris - Aix-en-Provence: Errance-Centre Camille Julien, 2010, p.279-289.
- MÜLLER, Christel. Le Bosphore cimmérien et sa région économique: territoire, structure et productions du IV<sup>e</sup> au II<sup>e</sup> siècles avant notre ère. In: DESCAT, Raymond (éd.). *Approches de l'économie hellénistique*. Entretiens d'Archéologie et d'Histoire 7. Saint-Bertrand-de-Comminges: Musée Archéologique de Saint-Bertrand-de-Comminges, 2006, p.147-193.
- MÜLLER, Christel. Insaisissables Scythes: discours, territoire et ethnicité dans le Pont Nord. In: LUCE, Jean-Marc (éd.). *Identités ethniques dans le monde grec antique*. Actes du Colloque International de Toulouse organisé par CRATA. 9-11 mars 2006 (*Pallas*, 73). Toulouse: Publications de l'Université de Toulouse, 2007, p.141-154.
- MÜLLER, Christel. Nomades Scythes et États grecs du Nord de la mer Noire (VII<sup>e</sup>-II<sup>e</sup> a. C.). In: MOATTI, Claudia, KAISER, Wolfgang & PEBARTHE, Christophe (éd.). *Le monde de l'itinérance en Méditerranée de l'Antiquité à l'époque moderne*. Bordeaux: Ausonius, 2009, p.93-112.
- MÜLLER, Christel. *D'Olbia à Tanais*. Territoires et réseaux d'échanges dans la mer Noire septentrionale aux époques classique et hellénistique. Bordeaux: Ausonius, 2010.
- NOLLÉ, Johannes & OLLER GUZMÁN, Marta. Foreigners and the Foreign in Some Black Sea Area Epigrams: Towards a Corpus of the Epigrams of the Black Sea Region, in: COJOCARU, Victor & RUBEL, Alexander (éd.), *Mobility in Research in the Black Sea Region (Pontica et Mediterranea 6)*. Cluj: Mega Publishing, 2016, p.73-100.
- PIPPIDI, Dionisie M. *Inscriptiones Scythiae Minoris*, I. Istros et les alentours. Bucarest: Editura Academiei Române, 1983.
- PODOSSINOV, Alexander V., Le royaume du Bosphore Cimmérien aux époques grecque et romaine: un aperçu. In: BURGUNDER, Pascal (éd.). *Études pontiques*. Histoire, historiographie et sites archéologiques du bassin de la mer Noire. Lausanne: Université de Lausanne, 2012, p.87-109.
- REEDER, Ellen D. (éd.). *L'or des rois scythes*. Exposition au Grand Palais, septembre-décembre 2001. Paris: Réunion des Musées Nationaux, 2001.

- ROBERT, Louis. Le fer des Mariandynes dans les Argonautiques d'Apollonios de Rhodes. In: ROBERT, Louis. *À travers l'Asie Mineure: poètes et prosateurs, monnaies grecques, voyageurs et géographie*. Athens-Paris: École Française d'Athènes, 1980, p.5-10.
- ROBU, Adrian, Les établissements mégariens de la Propontide et du Pont-Euxin: réseaux, solidarités et liens institutionnels. In: MARTINEZ-SEVE, Lauriane (éd.). *Les diasporas grecques du VIII<sup>e</sup> à la fin du III<sup>e</sup> siècle av. J.-C.* Actes du colloque de la SOPHAU, Université Charles-de-Gaulle-Lille 3, 11 et 12 mai 2012 (*Pallas*, 89). Toulouse: Publications de l'Université de Toulouse, 2012, p.181-195.
- ROBU, Adrian. *Mégare et les établissements mégariens de Sicile, de la Propontide et du Pont-Euxin*. Histoire et institutions. Berna: Peter Lang, 2014.
- SCHILTZ, Véronique (éd.). *Or des Scythes*. Trésors des musées soviétiques (exposition au Grand Palais, octobre-décembre 1975). Paris: Réunion des Musées Nationaux, 1975.
- SCHILTZ, Véronique (éd.). *L'or des Amazones*. Exposition au Musée Cernuschi, mars-juillet 2001. Paris: Paris Musées-Findakly, 2001.
- STRUVE, Vassilij V. *Corpus Inscriptionum Regni Bosporani (Korpus Bosporskikh nadpisej)*. Moscou-Leningrad: Académie des Sciences, 1965.
- TSETSKHLADZE, Gocha R. (éd.). *The Greek Colonisation of the Black Sea Area*. Historical Interpretation of Archaeology. Stuttgart: F. Steiner, 1998.
- VINOGRADOV, Yuri. G. *Olbia. Geschichte einer altgriechischen Stadt am Schwarzen Meer*. Konstanz: Universitätsverlag Konstanz, 1981.
- WHITBY, Michael, The Grain Trade of Athens in the Fourth Century BC. In: PARKINS, Helen & SMITH, Christopher (éd.), *Trade, Traders and the Ancient City*. London-New York: Routledge, 1998, p.102-128.
- WILSON, Jean-Paul. The «Illiterate» Trader? *BICS*, Londres: Institute of Classical Studies & John Wiley and Sons, 42, p.29-53, 1997-1998.

---

Recebido em: 28/06/2017

Submitted in: 28/06/2017

Aprovado em: 05/09/2017

Approved in: 05/09/2017

Publicado em: 24/06/2018

---

Published in: 24/06/2018